

Assignatura

15000 por

TRIMESTRE.

O SORRISO

Sahirá

aos domingos

2 VEZES POR MEZ.

PERIODICO, CRITICO, LITTERARIO E RECREATIVO

O SORRISO

Maranhão, 22 de março de 1885.

Dando hoje publicidade ao segundo numero d'este jornal, cumpre-nos agradecer ás pessoas, que acceptaram a sua assignatura, animando-nos assim a proseguir em nossa empreza: é mais uma prova que dá o illustrado publico d'esta capital, que não deixa perecer os que recorrem a sua voliosa protecção, com especialidade quando se trata do desenvolvimento intellectual.

Se, não nos faltavam desejos para levarmos avante a nossa pretensão, agora nos sobejarão com o acolhimento que tivemos; e mais uma vez promettemos não poupar esforços para bem desempenhar nossa missão.

Preludios da Reforma.

Lamentavel era o estado da igreja no seculo XVI.

Graves abusos tinham se introduzido n'ella e d'esde muito do seio mesmo da igreja vozes piedosas e vehementes reclamavam a reforma.

As chaves de S. Pedro eram desejadas, não porque abriam as portas do paraizo, mas porque ellas eram de ouro.

Não era o merito, mas a consideração das familias que determinava a escolha dos pastores; antes de tudo a corte de Roma pensava em lucrar com as vacancias e multiplicar os direitos da chancellaria.

A corrupção e o luxo lavravam na igreja.

Os aposentados dos papas, longe de imitar a simplicidade de Christo, que não tinha on-

de encostar a cabeça—, faziam lembrar o elegante *boudoir* de uma corteza em voga.

Ligorio, na aldeia de Pia, diz Cesar Cantu, destinada para o recreio e descanso dos papas, foi inteiramente paga, não somente na construcção, mas nas scenas, e pinturas.

O cardeal Bibiena, mandou construir no Vaticano uma sala ornada de nymphas voluptuosas, pintadas pelo grande Raphael: elle alegrava-se com a noticia de que Juliano de Medicis, trazia a Roma a princeza sua mulher; to da cidade dizia:— *Louvado se ja Deus! só faltava uma corte de damas, e esta princeza terá uma, o que completará a Curia de Roma.*

Sob estes auspicios começou o pontificado de Leão X, homem instruido na flor da idade, amavel, pacifico, e que possuindo uma magnifica voz de baixo divertia-se em cantar *arias*.

Elle deixou se dominar pelas ambições da familia que o impelliam a rigores injustos e a intrigas vergonhosas: assim o povo dizia delle: *elevou se arrastando-se como raposo, reinou como leão e morreu como cão.*

As tentativas isoladas de reformas foram frequentes. Um contemporaneo de S. Jeronymo, Vigilance, nascido no quarto seculo, em Toulou e, condemnou o celibato, os jejuns, o culto das reliquias e dos santos.

No seculo septimo Serenus, bispo de Marseille, quebrou as imagens na sua diocese.

Sob Carlos o Magno os bispos Felix d'Urgel, Elipand de Talecô, Claudio de Turim, continuaram mais ou menos o movimento heretico.

Wiclef na Inglaterra, João de Huss e Jeronimo de Praga na Allemanha, Savonarole na Italia, são reformadores.

O ultimo repetia sem cessar: *Ecclesia indiget reformatio-ne.*

Apezar do mallogro destas tentativas de reforma, a necessidade della sentia-se cada vez mais.

Então a Igreja, conformando-se com as exigencias do tempo, convocou ns assembleas sollemnes onde melhoramentos foram discutidos; e principalmente nos consilios de Constance e de Bâle, que foram para a reforma, segundo a magnifica comparação de Cesar Cantu, o que a assemblea nacional foi para a revolução franceza, a reforma da Igreja, em seu chefe e seus membros, tinha sido reclamada com ardor.

Mas a hesitação dos consilios, quebrava se ante a obediência dos papas, mas acostumados a edificar palacios sumptuosos e a decorar as salas das cidades, não queriam exerceer os sublimes precetos da moral christã.

A reforma que não fora possível realisar-se pelos meios legaes, realizou se pela energia e talento de Martinho Lutthero.

Maranhão, 22 de março de 1885.

Sacivoua

Lyrisimo.

Dão alguns autores como principio da linguagem o genero lyrico.

Nota-se nos povos que começam sua civilização uma maneira de pronunciar as palavras, descansando em certas

partes, como que formando melodia. Entre os indios em lugar de discursos como usa-se nas reuniões das altas sociedades dos paizes civilizados, observam-se os cantos acompanhados do *boré*. Quando os meninos começam a aprender a ler, distingue-se, em sua maneira de pronunciar, a tendencia ao canto, parecendo até comprehenderem mais por esse meio.

Deixando de parte estas considerações e apreciando o homem quando principia a sua carreira litteraria, vê-se que as mais das vezes entrega-se ao lyrismo.

Taes sentimentos apoderam-se da mocidade de uma maneira espantosa que a torna viciada. E' proprio da idade, que não só a leva a entregar-se a esse genero de poesia, como também a affectar-se de paixões amorosas que altamente apoderam-se de seu pensamento, fazendo-a só procurar satisfazer a *um seu ideal* que lhe preoccupa a alma; e facilmente cede a essas paixões que tornam seus escriptos infructiferos e pueris. Isto, porem, não perdura muito: á proporção que vai se desenvolvendo a sua intelligencia, desaparece o lyrismo e o amor perde a sua grande força; surgem nobres assumptos, e já se não procura mais se não desenvolver elevados pensamentos.

Portanto o lyrismo não deve ser condemnado como inutil ao homem, pois é por onde o espirito começa a desenvolver-se. E' o lyrismo para a mocidade, o mesmo que o syllogismo para o principiante de philosophia: o syllogismo desenvolve o espirito afim de que este possa aprender a raciocinar; o lyrismo desenvolve as idéas daquelle afim de poder conceber pensamentos mais elevados e proveitosos.

S. Luiz, 22 de março de 1885.

Iframomoje.

A F. A.

Teus olhos oh! linda virgem,
Tão meus e tão azues;
Meu coração captivaram.
Que lindos olhos possues!

Teus labios que a cor da rosa
Não poderá igualar,
Tão lindos eu não sonhara,
Não podera imaginar.

Os anneis do teu cabelo
Quão louros, quão lindos são!
No teu porte tão airoso
Quanta graça e perfeição.

Mas... não posso, oh! não, não posso

Teu retrato descrever...
Louco que fui! Como pude
Tal idéa conceber?

Perdôa, oh! anjo perdôa,
O meu louco atrevimento...
Perdôa se tal intento
Cri poder realisar;
Nas azas da phantasia
Enlevado, eu não sabia
Que impossivel me seria
Tua belleza retratar!...

São Luiz, 22 de março de 1885.

Osrespadoje.

COMPRIMENTAMOS

ao nosso distincto amigo
e collega

Joaquim de Brito Pereira

por contar amanhã mais uma
primavera em sua florida

EXISTENCIA

3-22-85.

EXPEDIENTE

O Repolho.

Tivemos a satisfação de ver alistar-se na arena jornalística mais um batalhador, que, com o pitoresco nome de *Repolho*, dispõe-se a defender a causa da emancipação.

Consta-nos que são seus redactores distinctos estudantes de preparatórios que, tomando o nosso exemplo, pretendem tornar-se aptos a escrever ao

publico: *allons enfants de la patrie.*

Agradecemos o numero com que fomos mimoseados, e desejamos-lhe o acolhimento do publico illustrado.

Seguiu hontem para a academia do Recife o nosso amigo e collega, Vicente Epaminandas Pires dos Reis, a quem desejamos prospera viagem e bom exito em sua carreira.

ROLHAS E SACCA-ROLHAS

I

Não vão bons os tempos: ha barulho no commercio; algazarra na instrução publica; panico no thesouro; medo na secretaria; e bernardas na policia. Todos vivem sobresaltados e até o activo e deligente delegado de policia deita-se todas as noites com medo do dia de amanhã.

Parece que a todas estas cousas devêra permanecer extranho o *Sorrismo*; mas ahí é que a cousa falta. Como diabo! se ha de sorrir quando tudo ameaça chorar? Empregados publicos temem que se lhes arranque o pão quotidiano; deputados receiam que o subsidio vá *por agua a baixo*; commerciantes estremecem á idéa de que seus devedores lhes não paguem; agricultores vivem aterrorizados pela idéa d'abolição. E' uma careta geral, misturada com lagrimas vertidas por todas as nossas classes sociaes. Chora o presidente da provincia, d'entre muitas cousas, por ter perdido a cadeira temporaria á assembléa geral por um dos districtos de Pernambuco; chora o chefe de policia; choram os negociantes e agricultores; choram os caixeiros que já não teem soeto e por serem obrigados á cobrança todos os dias, deixando-se o uso dos sabbados; choram os estudantes por serem longas as suas licções e pelas reformas *diabolicas* dos programmas; cho-

ra a instrução publica que não tem vintem; choram os redactores de jornaes, porque já não sonham com assignantes: só não chora o *Sorrison*, porque não se pode chorar e rir ao mesmo tempo.

Mas o que significam estas rolhas?

Que ha muita cousa que arrolhar, isso é verdade; mas o que não se entende é que na actualidade possam pura e simplesmente as rolhas servir de remedio. Que se arrolhe a politica, o magisterio, a administração, todos os poderes publicos e alguns particulares, vá feito; mas que depois destas rolhas se não tenha meio de tiral-as, eis o que se não pode consentir. E' por essa razão que o *Sorrison* terá rolhas para muitos e sacca rolhas para muitos mais.

A sessão que hoje creamos neste jornal é determinada á analyse critica das mais importantes occorrencias da actualidade. Procuraremos rir de tudo que der materia ao ridiculo, convencidos de que a gargalhada em certas cousas vale mais que os longos discursos.

DE TUDO E DE TODOS

Decifração das charadas do numero passado

- A 1^a—Recado.
A 2^a—Caçador.
A 3^a—Tirocinio.

I

Este verbo na cara serve para os navegantes—2—1.

II

Em penedo me acharás—1
Mas em monte, em serra, não;
Diz a mãe ao terno filho
Sustentando-o pela mão—2

C.

Na estação invernosa
Aos centos me encontrarão
Sou do reino vegetal
De difficil digestão.

III

Artigo da 1^a pessoa do pro-

terito perfeito do verbo da veia do litterato da arvore—1—1—1—1.

Não acompanhes o homem
Que não for bem comportado,
Pois, só por tal companhia
Ficarás mal reputado.

Mademoiselle Lenormand, celebre advinha de Paris teve vontade de averiguar quaes eram, em cada idade da mulher, as probalidades de achar marido. Das suas investigações resultou que de mil mulheres cazaram-se:—*quarenta e duas* entre os quatorze e quinze annos; *cento e uma* entre os dezeseis e dezeseite; *duzentas e nove* entre os dezoito e dezenove; *duzentas e trinta e tres* entre os vinte e vinte e um; *cento e sesenta e cinco* entre os vinte e dous e vinte tres; *cento e duas* entre os vinte e quatro e vinte e cinco; *sessenta* entre os vinte e seis e vinte e sete; *quarenta e cinco* entre os vinte e oito e vinte e nove; *dezoito* entre os trinta e trinta e um; *quatorze* entre os trinta e dous e trinta e tres; *oito* entre os trinta e quatro e trinta e cinco, *duas* entre os trinta e seis e trinta e sete; e *uma* entre os trinta e oito e trinta e nove.

Por isso, bem fazem as senhoras de vinte annos paraci ma que vão diminuindo vinte por cento de sua idade.

São preciosos os dons
Da sabia mestra natura:
Mais seu valor se realça
Quando lhe damos cultura.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Tentamen

Desde os tempos mais antigos a aspiração universal dos povos é o derramamento da luz, da instrução no ambiente social. Na Grecia era o mestre o pae do povo; em Roma era a instrução a força genitrix do progresso. E esta força ainda mais recrudescou com o apparecimento de um

homem—um verdadeiro sacerdote das letras—Este homem foi Justiniano, o imperador que apenas subido ao throno, fitou um horizonte limpido, transparente, e procurou alargal-o mais com suas luzes e o seu raro saber.

Em todos os paizes da Europa, a França, a Inglaterra, a Suissa, a Allemanha—a cabeça do mundo, na phrase do nervoso auctor da *Morte de D. João*, procura se antes de todo e qualquer desenvolvimento social os elementos mais solidos para o sustentaculo do grande edificio da instrução. Portugal mesmo, incontestavelmente o paiz mais retrogado da Europa, conta em seu seio varias casas de instrução, uma universidade, diversas academias, escolas publicas em crecido numero; ao passo que o Brazil—esse gigante da America, preparado para ser um grande paiz—rival dos Estados-Unidos, conserva se indifferente, sem saber seguir *pari-passu* a marcha evolucionista das grandes nações. Entre nós a instrução é demasiadamente descuidada. A maioria do povo é ignorante e fôla. O governo—longe de procurar a manutenção do progresso, só deseja a estabilidade do erro. E' a treva em luta com a luz; a ignorancia com a civilisação; o erro com a verdade. O governo—longe de espalhar conhecimentos bons, sadios—entrega-se a um *modus vivendi* ridiculo! Só trata da politica, de cousas banaes, pueris. Se um individuo qualquer tem a felicidade de cahir-lhe nas graças é immediatamente elevado ao zenith da gloria. Emquanto muito bem diz o sabio allemão Buchner—o auctor da *Force et matiere*—muitos talentos vivem na obscuridade, obrigados a arrastar a charrua do labor quotidiano, soffrendo misérias e privações!

Considero mui vantajosa a empreza que se acaba de crear, e venho manifestar a

minha aprovação desejando que o publico maranhense que nuca despreza as boas tentativas, a auxilie.

A criação do *Sorrison* é um poderoso incentivo para o desenvolvimento da justa empresa dos jovens redactores do *Sorrison*.

São Luiz, 22 de março de 1885.

A. Ferreira.

Variedade

O TROVADOR NO EXILIO

(FRAGMENTO)

A's vezes o silencio da noite era perturbado pelas vibrações saudosas de uma voz melodiosa acompanhada pelos sonoros accordes de uma harpa. Estes sons sentidos repercutiam-se debaixo das pesadas abobodas do carcere indo perder-se na amplidão. Era o trovador que cantava:

«Não te demores virgem
Vem ouvir o teu amor.
Vem, meu anjo, minha vida,
Vem consolar teu cantor.
Vem dar uma sô esperança
A teu triste trovador—

Vem, não demores, virgem,
Vem um consolo me dar.
Vem, meu anjo, minha vida,
Vem minha dor apagar.

Si não vieres, falleço,
Pois eu vivo p'ra te amar.
Vem, meu anjo, minha vida,
Vem uma esperança me dar.

Muitas vezes o trovador cansado de tanto soffrer, enjregava-se ao desespero; e uma especie de delirio apossando-se de sua alma, fazia-o exclamar:

Mulher, mulher querida, diz-me onde estás,
Oh! meu doce amor!
Mulher formosa a quem eu tanto amo,
Responde a um trovador.

Após estes gritos arrancados d'alma pelo desespero e

que somente o echo respondia, uma prostração apressava-se de seus membros e um lethargo profundo entorpecialhe os sentidos.

Mas infeliz! Esse mesmo somno que o fazia esquecer por algumas horas suas magoas, servia-lhe para augmentar os seus tormentos ao despertar.

Sonhava elle ver a sua amada e apertando-a contra o seio lhe dizia:

Candida flor!
Chamei-te; porque não me respondias,
Oh! doce meu amor?
Falla sensitiva, falla, minha bella,
Responde a um trovador!

E quando o misero bardo, acordando do lethargo via que era illusão, entregava-se de novo ao desespero.

Um dia o trovador, já quasi cadaverico sentia que ia morrer. As recordações do passado sugeriam-lhe tumultuosas na mente já gasta pelo soffrimento e abrasada pela febre.

Então seus olhos viam um quadro risonho e fallando com a morte assim dizia:

Oh termo fatal da existencia humana!
Porque tão breve surges dentre as trevas?
Não! Ainda é cedo! retrocede um pouco
Que mal desponta no horizonte a aurora.
Sim! Ainda é cedo! Não ouves?
E' o doce trinar da philomela. Vê...
Que céu azul tão puro e lindo! Ah!
Como é doce o ar que se respira!...
Como é fresca a brisa que perpassa!...
Que ciciar cadente da folhagem!...
Oh! como desponta radiante o sol!
Sim, tudo é bello! A natureza inteira se sorri
Entre a harmonia poetica da alvorada.
E' cedo ainda oh! morte; o mundo é vasto;
Busca outra victima a immolar tua foice,
Deixa-me gosar mais um instante
Este quadro chamado natureza.
Soffrido hei bastante. O calix d'amargura
Hei esgotado até as fezes. Basta de soffrer!
Quero, contemplando a natureza,
Lembrar-me d'outra vida já passada.
Quero lembrar-me da minha meninice
E tornar toda uma vez no ideal presente
Um tempo que passou e já não volta.
Não!... não quero inda morrer!...

As noites corriam vagarosas e nada perturbava o seu si-

lencio a não ser o sussuro da brisa que passava ou o piar agoureiro de algum mocho. O trovador já não cautava. Quando raiava o dia, os raios do sol penetrando por entre as grades de um carcere solitario, patenteavam a vista uma harpa com as cordas arrebatadas e atirada a um canto. Quando algum viandante detido pela curiosidade, aproximando-se da prisão, perguntava a algum guarda que harpa era aquella, este respondia simplesmente: «E' a harpa do trovador.» Sim, era a sua companheira fiel até o exilio e que como sentida da morte de seu amante, havia estalado uma a uma as suas cordas, soltando uns sons surdos que eram como uns ultimos gemidos em memoria do trovador.

S. Luiz, 15 de março de 1885.

Montaigne.

Errata

Não obstante havermos em pregado esforços afim de evitar-se erros typographicos, no primeiro numero, notam-se, alem de outros insignificantes, alguns que alteram o sentido e por isso resolvemos fazer a seguinte errata para serem estes corregidos:

- 1ª pagina
- 1ª c. 6ª l. della—dellas
- 2ª c. 22ª l. o seu — a seu
- «c. 44ª l. lhe—lhes
- 3ª c. 41ª l. Chiller—Miller
- 2ª pagina
- 1ª c. 3ª l. Coadjuvaes—coadjuvareis
- «c. 26ª l. auxiliarem—auxillem
- «c. 36ª l. corregido—corregindo
- 2ª c. 58ª l. desprezamos—desprezarmos
- 3ª pagina
- 2ª c. 22ª l. apenas *verve*—apezar da *verve*
- 3ª c. 19ª l. sabiam—saibam
- 4ª pagina
- 2ª c. 40ª l. apreciará—apreciarão

Assignatura

15000 por

TRIMESTRE.

O SORRISO

Sahirá

aos domingos

2 VEZES POR MEZ

PERIODICO, CRITICO, LITTERARIO E RECREATIVO

O SORRISO

Maranhão, 12 de abril de 1885.

A Litteratura

A's letras patria, ainda n'este seculo de adiantamentos, não é consagrado o amor de necessario alimento; quando, a mais importante das occupações a que se entrega a humanidade, é a litteratura.

Ella, pois, que sempre em seu seio acolhe os que, fugindo das garras da ignorancia, buscam asilo á sua sombra; ella que jamais abandonou os que a procuram, ella que não deixa sem recompensa as fadigas do trabalho, e que allumia o caminho aos que a desejam seguir: quão util é!

Mas, apesar de tantas vantagens, é, n'esta *Athenas*, desanimador o modo porque são tratados os trabalhos litterarios, pois, alem de soffrêrem quasi que geral aversão, só serem encarados pelo diffidente, e poucos a elles dedicarem-se; as mais das vezes são malogradas as empresas d'aquelles que professam tal missão. Pois, quem que o principiante em seus trabalhos tenha igual vigor a homens affeitos a vida litteraria; cerram os olhos ao *methodo*, esquecem-se que pelo mais simples é que alcançará o mais composto.

Assim é que sempre encontram difficuldades os que ás letras se dedicam: pouca importancia liga se a seus trabalhos quando não atiram'os ao ridiculo, fazendo muitas vezes retroceder o autor, á carreira que começava, pois que o principiante sempre é fraco, e a alguns basta só o signal de

desaprovação para o fazer des gostar.

E' mais um cultor que pedem as letras, e talvez a patria uma gloria! Se na actualidade, no verdor mesmo dos annos, divisa se mais o amor ao *ouro*, que a cultura das letras; julgam perdido o tempo gasto com o estudo quando o podiam empregar em fazer peculio; fecham os olhos á instrucção, para os braços abrirem aos interesses pecuniarios.

Só o *ouro* é bom, só elle é desejado! Sofre a litteratura, pois que foram sepultados aquelles que desejavam prestar-lhe serviço.

Mas, *Athenas*, assim não considera, só tracta de soffocar os filhos osijos labios e balbuciar—*amor as letras!*

Que para tal concorram pessoas que não tiveram verdadeira instrucção que desconhecem o que seja o trabalho litterario, ainda se pode supportar, mas, é intoleiravel que o façam aquelles que d'elle tem perfeito conhecimento, que já passaram pela mesma escala.

Por ventura não foi gradualmente que attingiram o grão em que se acham? não foi de pequenos assumptos que chegaram aos de maior importancia? e como obtiveram conhecimento da litteratura, não foi proporcionalmente estudando os pontos sobre que haviam tratar? Ah! não têm que esses que n'ella, agora tropeçam a cada passo, ainda podem obtel-os, quando sabem que não se deve negar instrucção aos que a procuram, e sim, animar-os para que prosigam com robustez a quebrar os guilhões da ignorancia?

O acto de cultivar o intellecto por si só já é virtude e esta se reproduzirá a proporção do seu desenvolvimento, assim, não é licito deixar morrer em trevas, os que d'ella tentam sair.

São Luiz, 12 de abril de 1885

Saceptra.

A Historia.

De todas as sciencias poucas ha mais vastas e apraziveis que a historia, elegante e autorisadamente chamada por Cicero a *mestra da vida*.

A historia, conjuncto de factos dos quaes pretende o homem dirigir as suas acções, alem de dar pleno conhecimento dos acontecimentos, dá tambem maravilhosos exemplos. Não se reproduzem os factos com os mesmos caracteres; comtudo tem tal ou qual semilhança.

O que dá nome ao progresso, que sempre lucha com a demasiada pressa e excesso do soffregio joven e a timidez do anção, é a historia; pois não seria elle uma realidade, se os acontecimentos remotos não fossem commentados, visto como não se pode fazer uma comparação em que não sejam conhecidos os dous termos. Desconhecendo-se o passado, não se poderá avaliar os avances do presente.

A historia se avantajava mais por ser applicavel ás outras sciencias: assim a philosophia, mãe de todas ellas, precisa do seu auxilio para achar as absolutas propriedades do ser.

Finalmente é a historia um poder inexplicavel que faz nos contemporaneos de homens a quem os meritos elevaram á immortalidade: segundo Herodoto, que dizia escrever a his-

teria afim de não ser esquecida a memoria dos grandes. é ella um *paraiso* em que esses grandes homens gozam dessa immortalidade: é um grande thesouro que se acha enrequecido por elevados pensamentos e imitaveis exemplos: e é o seu estudo tão difficiloso quanto necessario, pois desconhecer a historia, é morrer ao nascer.

Aristoteles considerava a poesia mais elevada que a historia porque, dizia elle, *ser bastante um só facto falso, para que ella ostentasse toda a pompa do estylo e da rhetorica.*

Aristoteles tem razão em ochar a poesia mais elegante que a historia, porque realmente o é. A poesia canta as illusões, e a historia propaga a verdade; porem é este o caso de dizer-se: — *mais valle o util que o agradável*; portanto, não obstante ser a poesia cheia de galanteios, a historia tem a primazia, por conter em si a utilidade.

A epocha em que a historia tomou impulso, pelo grande desenvolvimento da litteratura, foi a idade média que, como com eloquencia diz Cezar Cantu, é devidamente chamada média, porque ella representa o crepusculo entre o occaso de uma civilização fundada sobre a conquista, a escravidão e o egoismo, e a aurora de uma *civilização nova baseada na industria, na individualidade e no catholicismo.*

São Luiz, 12 de abril de 1885.

Iframomoje.

Os Jesuitas.

Acolhida com enthusiasmo pelos principes ávidos das riquezas dos mosteiros, por alguns frades a que os rigores do claustro não tinham conseguido extinguir o ardor d'uma juventude impetuosa, e pelo povo amigo das novidades, a Reforma tinha angariado numerosos proselytos.

Entre as corporações religiosas instituidas n'esta occasião, afim de deter a onda protestante, destaca-se a *Companhia de Jesus*, fundada por S. Ignacio de Loyola.

Ignacio de Loyola nasceu em 1491, d'uma familia antiga e nobre de Byscaia.

Elle foi a principio pagem de Fernando o *Catholico*, e depois militar.

A vida militar agiu fortemente sobre a sua imaginação activa e materialista.

Até aos trinta annos ainda estava Loyola occupado em duas cousas: *sua promoção e a posse d'uma gentil castelhana.*

A maior parte dos sanctos e fundadores de ordens religiosas e monasticas, atravessaram uma crise mais ou menos perigosa.

Lêde, por exemplo, a vida extraordinaria de S. Francisco de Assis: até o momento em que o desgosto das cousas mundanas converteram-no, elle mistura-se na ardente juventude italiana; é o rei de suas festas brilhantes; porem elle ama as artes, a poesia a liberdade, a causa popular; de testa a tyrannia dos imperadores e tem o altivo enthusiasmo d'um cidadão.

Em S. Ignacio o caso é differente; elle não conheceu na primeira parte de sua vida, senão habitos licenciosos e frivolos d'um fidalgo no exercito; e a santidade foi obrigada a germinar sob vicios grosseiros, n'esta alma interior, onde nem um sentimento nobre e puro tinha ainda entrado.

Sua propria conversão não desmente a sua existencia.

Ferido no cerco de Pamplunçe, elle leu durante a doença a *Fleur des saints*, uma especie de romance da cavalleria piedosa, em todo o livro, a vida religiosa é representada como uma batalha em regra contra Satanaz; o sancto como um soldado fiel que combate por Deus, que é seu rei, e pela virgem, que é sua senhora.

Este contos militares e empregnados mysticismos materiaes o seduziram.

A 15 de agosto de 1534, Ignacio de Loyola, acompanhado por Francisco Xavier, Jacques Lainez, Affonso Labiniere e Nicoláo Bobadella, hespanhoes; Simão Rodriguez, portuguez; Pedro Lefevre saboiano, dirigiram-se a collina de Montmartu e fundaram a *Companhia de Jesus*, com o duplo fim de converter os infieis e tornar se á milicia dos soberanos pontifices.

A obdiencia sem limites, tem sido sempre o principio soberano dos jesuitas.

Seu chefe chama-se *geral* e é eleito para toda a vida.

Elle recebe na ordem quem bem lhe parece, e exclue d'ella quem quer, convoca as congregações e nada se faz sem a sua approvação.

Os professos de quatro votos, não podem possuir cousa alguma.

A *Companhia de Jesus* foi approvada por Paulo 3.º em 1540; o seu instituto declarado piedoso, pelo censilio de Trento sessão 25 da reforma e 16.

Foi supprimida por um breve de Clemente IV de 31 de julho de 1773 e pouco depois restabelecida.

Os Jesuitas distinguiram-se em todos os ramos das sciencias e das artes, e assim encontramos n'esta Ordem theologos como Suarés, Petan, Lemand, Garnier; oradores como Bourdaloué, Legand, Neuville; historiadores como Orleans, Longueval, Daniel; litteratos como Rayn, Vanieres, Juvenay etc.

Desde que o Marquez de Pombal soltou em Portugal o grito de guerra contra a *Companhia de Jesus*, esta Ordem não tem sido examinada com a seriedade e frieza d'um historiador, e sim com o ardor de espiritos profundamente apaixonados.

Censuram a *Companhia* a sua sêde insaciavel de ouro, e

a sua celebre maxima—*que o fim justifica os meios*, mas esquecem de narrar tambem os importantes servicos, prestados pela *Companhia* a civilisação e ás artes.

Macaulay na sua—*Historia da Inglaterra* tom. 2, cap. VI, analisando a *Companhia de Jesus* com a imparcialidade característica do illustre escriptor protestante, diz «O Jesuita abandonava a seus chefes, com uma profunda submissão, o cuidado de decidir se elle devia viver sob o polo arctico, ou sob o equador: se devia passar a vida a colleccionar manuscritos no Vaticano, ou a persuadir os barbaros completamente nus, do hemisphero do Sul, que elles não deviam comer aos seus semelhantes. Si havia necessidade do seu misterio n'um paiz onde a sua vida estava mais em perigo, que a de um lobo, onde era um perigo dar-se-lhes asylo, onde a cabeça e membros de seus irmãos, expostos sobre as praças publicas, mostravam-lhe a sorte que o esperava, elle marchava para o seu destino, sem queixas nem hesitação. Este espirito heroico não está ainda extinto.

Quando nos nossos dias uma peste terrivel e, até então desconhecida, faz a volta do mundo, quando em muitas cidades o terror dissolveu todos os laços que unem a sociedade, quando o clero secular abandonou seus rebanhos, quando não se podia procurar, nem a peso d'ouro, o socorro d'um medico, quando o amor da vida tinha triumphado das affeições naturaes as mais fortes, achava-se o jesuita perto das enxergas que o bispo, o cura, o medico, o enfermeiro, pae e a mãe tinham abandonado, curvando-se sobre os labios infectos, para suspender os fracos acentos d'uma ultima confissão, conservando até o fim sob os olhos do penitente, preses a exalar o ultimo suspiro, a imagem do Redemptor expirando».

Depois deste retracto, traçado pelo habil historiador inglez que não pode ser taxado de suspeito, porque é protestante, é preciso confessar que a *Companhia de Jesus* se teve grandes defeitos, teve tambem grandes qualidades que a recommendam ao respeito publico.

São Luiz, 12 de abril de 1885.

Sacivoua.

A J. P.

Vamos, amigo, a correr o prado,
A gosar dos perfumes
Que embriagam, talvez que se esvaeçam
Os teus ternos queixumes.

Oh! vamos, vamos que na juventude
E' mui triste o soffrer...
Mas, qual é tua dor, m'a não confias?
Quererás m'a esconder?!

Ah! que sou teu amigo, e farei tudo,
Para a remediar;
Dize, pois... Mas.. oh! mal percebi
O teu balbuciar!..

Os teus labios tão tímidos pareceram-me
Titubiar uma flor;
Dize, pois, e serei mais cauteloso.
.....
Ah!.. sim, é *Leonor*

O nome de quem tanto te acabruha,
E que te faz soffrer,
Procuremola no prado, caro amigo,
P'rá que a possas colher!

S. Luiz, 12 de abril de 1885.

Sacepebra.

EXPEDIENTE

O Porvir.

Acaba de ser creado nesta capital, com este nome, um pequeno jornal litterario e critico. Segundo deprehendo-se do proprio jornal, são seus redactores alguns estudantes de preparatorios.

Agradecemos o numero que enviaram nos.

ROLHAS E SACCA-ROLHAS

II

A serie de artigos a que damos publicidade será tão pro-

longada quanto os *Sessenta Anos de Jornalismo*, escripto do distincto *Paulo de Kock*, não que os nossos escriptos rivalisem em estylo, em pureza de linguagem etc, que caracterisam este importante trabalho; porem pela sua extensão, pois, se tem *Paulo de Kock* innumerous jornaes sa descrever temos nós maior numero de occorrencias da actualidade que se recommendam pela sua *notabilidade*.

Admirado do grande numero de estudantes que todos os annos terminavam os seus estudos nas provincias, resolveu o nobre ministro difficuldar mais os exames, com a mudança dos programmas pelos quaes se regulam as mezas examinadoras.

Como infelizenie tem acontecido com todas as reformas sobre o ensino que tem apparecido ultimamente, o novo programma de exames geraes não resiste a mais rigeira critica.

Diz o pogramma de portuguez:

«Composição livre feita pelos candidatos sobre o assumpto que a sorte designar, dentre os organisados pela commissão. Este assumpto pode consistir em descripções *faceis* de objectos e factos communs etc»

A impossibilidade do alumno fazer esta prova é manifesta

Si com outros estudos e outra idade luta-se com serias difficuldades para descrever um objecto, como quer o nobre ministro que o examinando de portuguez o faça extensa e corretamente?

Comprehendeu o nobre ministro a impossibilidade de satisfazer o alumno ao que o programma exige, e julgou supprimir a difficuldade dizendo: *descripções faceis de objectos communs*.

Longe de facilitar, difficul-

tou s. exc. o exeme com os seus *objectos communs*.

Bem commum é a *cadeira* mas quantas pessoas não saberão defini-la!

No exame de Francez exige s. exc. a mesma cousa que para o exame de Portuguez.

E' claro que, sendo já muito difficil a descripção na lingua patria, maiores ainda serão as difficuldades n'uma lingua estrangeira.

O mesmo succede no exame de Ingluz.

Os pontos 5 e 8 do exame de Geographia dizem:

«Aguas — Oceano — grandes bacias, *composição e temperatura das aguas. Influencia do clima e da natureza do solo sobre o homem, reacção deste. Exemplos deste facto.*

Parece-nos que para saber a *composição das aguas* é necessario saber *chimica*.

E' uso entre nós prestar-se o exame de Geographia logo no começo.

E entretanto exige o programma de um menino, conhecimentos que estudantes de um curso superior como as Academias de Direito não tem!

Influencia do clima etc. é questão por demais importante para ser estudada por crianças.

Diz o ponto 3' do exame de Philosophia.

Phenomenos physiologicos e psychologicos. Enumeração e distincção de uns e outros.

Isto nem é serio.

A psychologia por si só é objecto de um estudo serio e aprofundado.

S. exc. ainda entende que o estudante de Philosophia deve estudar tambem *Physiologia*, unico meio conhecido até hoje de estabelecer a distincção dos phenomenos psychologicos e physiologicos.

Não tendo tempo para estudar a *Physiologia*, naturalmente os estudantes escreverão no exame pontos dictados por professores que se deram ao trabalho de ler alguma cou-

sa sobre a *Physiologia*, abundando estes pontos em *cerebros, cerebellos, medulla espinhal*, palavras que só podem inspirar riso quando proferidas por leigos na materia.

Depois disto só poderemos dizer que as taes reformas necessitam de *rolhas*.

DE TUDO E DE TODOS

Decifração das charadas do numero passado.

A 1ª — Amarra.

A 2ª — Pepino.

A 3ª — Oliveira.

I

Na carga da teia d'aranha serve ao dinheiro — 1 — 1 — 1.

II

Um synonymo de altar, na ponta de um galho, é uma ave. — 2 — 1 — 1.

III

A melodia do canto com methodo faz vascillar a gigante herva — 1 — 1 — 1.

IV

A 1ª com a 2ª

Dois irmãos alimentou,

A 2ª com a 3ª

No verbo bater achou.

Portuguez, author insigne,

Comsigo se appellidou.

Se acaso gosar pretendes

Dos outros a estimação,

Muito exacto e cuidadoso

Sê na tua profissão.

ENIGMA

LL.

Pronuncia o que vêdes,

O numero de lettras não;

Pois, de certo meus leitores,

Immenso rio acharão.

Quem vencer quer o difficil

Na porfia estudo faça;

Pois é mui certo o dictado

Quem porfia, mata caça.

Não parou inda aqui tanta luucura;
Porque vai já querendo uma excellencia
Quem tinha *senhoria* por ventura.

Mas sabeis o que causa esta demencia?
Faz que os criticos vão á sepultura
Fazer-lhe anatomia na ascendencia.

Sone'o

Aquelle tu e vós quando algum dia
Havia em Portugal sinceridade,
Acabou, começando a nossa idade
A dar a uma *mercê* a primazia.

Depois foi se exaltando a fidalguia
E entrou tambem na plebe essa vaidade,
E, tomando a *mercê* de probidade,
A nobreza subio á *senhoria*.

Francez, Tu T io
Inspector, Ba Y ma
Philosophia, Bitten O ourt
Historia, Jans S u
Portuguez, Luiz Carl O os

Mathematicas, Tho M az
Inglez, H H ll
Latim superior, T M a jano
Rhetorica, Br V ndão
Calculo, Ni N a
Latim inferior, João H enriques
Geographia, Tib S rio
Secretario, Nu S es Cascaes
Amanuense, A. A S evedo
Potreiro, A M S ndes
S. Luiz, 22 de março de 1885.

Iframomoje.

Assignatura

15000 por

TRIMESTRE.

O SORRISO

Sahirá

aos domingos

2 VEZES POR MEZ

PERIODICO, CRITICO, LITTERARIO E RECREATIVO

O SORRISO

Maranhão, 26 de abril de 1885.

Assembléa Constituinte.

Depois do ruinoso governo de Luiz XIV, esse monarcha que estreou com a maxima — *O Estado sou eu* — que é o symbolo da monarchia absoluta, e do reinado de Luiz XV, subiu ao throno da França Luiz XVI, principe dotado de excellentes qualidades, e que seria um bom rei, se não tivesse a infelicidade de encontrar a França n'um dos periodos mais criticos dos que rezam a sua historia.

Enriquecidas e fortificadas as colonias iuglezas na America, emanciparão-se do jugo da metropole e sob o commando de Jorge Washinton, em 1776 o congresso de Philadelphia proclamou a independencia dos treze Estados Unidos da America.

Desanimados por alguns reveses, pedem os americanos o auxilio da Europa, e para America precipita-se a ardente juventude franceza tendo a sua frente o bravo Lafayette.

A Hespanha em 1779 e a Hollanda em 1780 declarão-se tambem em favor da independencia dos Estados Unidos.

Este auxilio prestado aos americanos foi um golpe terrivel no absolutismo da França.

A mocidade franceza aprendeu sob o sol ardente da America, que a força de vontade vence aos obstaculos.

Viram quanto é agradável a liberdade, quanto é pesado o jugo do despotismo e que os reis de França oppressores por tantos seculos, deviam pagar as suas dividas.

Lamentavel era a situação financeira da França. Com muito tino as administrára Necker; mas o seu celebre relatorio, havendo excitado violenta opposição da parte dos privilegiados, aos quaes tambem queria sujeitar a impostos, foi demittido (1781). Depois do ministerio de Fleury, Calone Brienne etc., assumio Necker, de novo chamado ao ministerio, a responsabilidade da convocação dos Estados-Geraes.

«Ha epochas na historia do genero humano, diz Lamartine, nas quaes os ramos seccos caem da arvore da humanidade e nas quaes as instituições envelhecidas e esgotadas se extinguem por si mesmo para dar lugar a uma seiva e instituições que renovam os povos, renovando as idéas.»

A França estava n'uma destas epochas, a revolução era eminente e Luiz XVI estava perdido.

«Examinando a conducta de Luiz XVI, diz Mme. de Staël achar-se-ha muitas faltas nella, quer se lhe censure não ter defendido bastante o seu poder absoluto, quer o accusem de não ter cedido inteiramente as luzes do seculo; mas estas faltas estão de tal forma na natureza das circumstancias, que ellas se renovarião tantas vezes quantas combinações exteriores se apresentassem.»

Abriu Luiz XVI os Estados Geraes com a seguinte falla:

«Senhores, chegou emfim este dia que o meu coração esperava e eu vejo-me cercado dos representantes da nação a qual tenho a gloria de governar. Tudo o que se póde esperar do mais vivo interesse pela felicidade publica, tudo o que se póde pedir a um Soberano

vós deveis esperar dos meus sentimentos.»

Na politica, como na natureza, é preciso progredir paulatinamente: assim como a arvore cresce lentamente, as reformas devem ser feitas evolutivamente e não revolucionariamente.

Convictos desta verdade os membros dos Estados Geraes, entre os quaes citarei os Montmorency, os Sally-Tolendal, os Virieu d'Aiguillon, os Lanzun, Montesquiou, os Lameth, Mirabeau, o Duque de Orleans, Cazalés, Mathouet, abbade Maury, representantes da nobreza franceza e do alto clero, estavam resolvidos a marchar de accordo com o rei.

Agitando-se na occasião de verificação de poderes a questão de saber como devia votar o terceiro estado, este por proposta de Syés, separou-se dos Estados Geraes e reuniu-se na sala do jogo da pella.

Pretendeu Luiz XVI dissolver esta assembléa; porem Mirabeau respondeu ao Marquez de Brené, mestre de ceremonias com esta violenta apostrophe: «Ide dizer ao vosso amo que nós estamos aqui por ordem do povo, e d'aqui não sahiremos senão a força de baionetas.»

Nas grandes revoluções sociais, nestes grandes cataclysmas em que as nações precipitam-se nas lutas para aniquilarem-se, nellas ou surgem mais fortes e vigorosas, um homem apparece annullando todos os outros e symbolisando por si só uma epocha.

Mirabeau dominou a Assembléa Constituinte.

Ainda que descendente de uma familia nobre italiana refugiada na Provença, Mira-

beau rejeitado na eleição de Aisc. pela nobreza, precipita-se nos braços do povo.

«Quando o ultimo dos Gracchos expirou, arremessou um punhado de terra para o céu e desta terra nasceu Mario! Mario menos grande por ter exterminado os Cimbrões, que por ter abolido em Roma a aristocracia da nobreza.»

Assim terminava Mirabeau o seu discurso aos Marselleheses e a multidão electrizada pela magia do verbo eloquente, fazia de suas palayras maximas revolucionarias.

«O amor que a semelhança do fogo nas veias da terra, se descobre sempre n'algum accidente do destino dos grandes homens, diz Lamartine, acendeu n'uma unica e ardente fogueira todas as paixões de Mirabeau.»

Seguindo os conselhos de seu pae, empenha se Mirabeau em desposar a menina de Margnan, rica herdeira de uma grande casa da Provença.

De curta duração foi a sua felicidade domestica e roubando a Sra. Monnier a seu velho marido foi preso em Vincennes e a sua conquista n'um convento.

Entrara Mirabeau para a prisão como um jovem namorado e sahira della um no avel orador.

«Senhores, o discurso que acabais de ouvir, diziá Mirabeau respondendo ao discurso de Luiz XVI, seria a salvação da patria si os presentes do despotismo não fossem sempre perigosos.»

Eu peço, que cobrimo vos com a dignidade do vosso poder legislativo, vos encerraréis na religião do vosso juramento; elle não nos permite separar nos senão depois de ter constituição.»

Nos seus intervallos parlamentares não estava Mirabeau ocioso e o Banco de S. Carlos, as Instituições da Hollanda, a obra sobre a Prussia, o pugilato com Beaumarchais, pro-

vam a rara energia do notavel tribuno.

No meio destas lutas em que desencadeavão-se todas as paixões, em que figuravam todos partidos desde o monarchista decidido até o republicano *enragé*, elevava-se a figura formidavel de Mirabeau, dominando a Assembléa e contendo no devido respeito os pygmeos que formigavam a seus pés.

Morreu infelizmente Mirabeau bem cedo, dizendo ao emissario de Luiz XVI que com interesse indagava o seu estado de saude: «*de dizei ao vosso amo que eu morro e comigo morre a monarchia.*»

Sacwoua.

Desillusão.

Antes de ver-te seductora virgem,
Nada no mundo me attrahia a mi;
Mas encontrei-te, eu fitei teu rosto,
Voar minh'alma para ti senti.

Eras a luz que me guiava os passos,
A estrella fulgida do meu ceu nublado
A só esperança de minh'alma triste,
O unico sonho de um desgraçado.

Ah! eu amei-te como a terna relva
Ama ao orvalho que lhe dá frescor;
Como a rosinha ama a suave brisa
Que a beija e affoga murmurando: amor.

Como ama o avuta á barquinha leve
Que corta os mares a zombar do vento;
Como a rolinha ama ao terno esposo,
Como a um regaco o viajor sedento.

Ter-te ao meu lado era o meu desejo,
Era o meu sonho, minha aspiração;
Porem depressa, ai de mim! bem cedo
Eu vi desfitei minha illusão.

Quando eu te vi no phrenesi da walsa,
As tranças soltas, agitado o seio,
E o teu pesinho mal tocando a sala,
A falla tremula, no olhar o anseio...

Eu disse: amo-te! Tu me repelliste,
A minha voz não quizeste ouvir;
Tu me lançaste d'officção no peço,
Fizeste-me preso da cruz sentir.

Eu quiz tocar a felicidade em vão!
Quando feliz eu me julgava ser,
Fui condemnado a soffrer o eterno...
E o que é a vida mais do que o soffrer?

Maranhão, 25 de abril de 1885.

Uosrespajo.

E tome do peço a cor macilenta;
Me excita, me abrasa, o mais puro amor.

Emfim se esse todo que só innocencia
Parece conter, faz-me irresoluto;
Me leva a teus pés c'os mais firmes passos,
O amor mais ardente, que a ti só tributo!

Assim, não te enfades, não julgues donzella,
A tua innocencia querer profanar,
O ente que a ti se renda, captivo
Dos teus attractivos, e só quer te amar.

São Luiz, 26 de abril de 1885.

Sacepeira.

Z.

Teus ternos olhares, teu porte... o teu todo
Me faz minha sauta, temer, vacillar,
Mas, é impossivel passar sem dizer-te:
«Te amo menina, só quero te amar...»

Se temo em teos olhos tão ternos olhares,
Se temo que digas: — *amar em não sei* —
Animam-me o peito as flammas mais vivas
Do mais puro amor, pois sempre te amei!

Se temo desmaie, d'essa tez tão fina
De puro carmin, a mais viva cor

Passamento.

(A memoria do meu amigo e collega
Guilherme Wilson da Costa).

.....Ai! tão cedo arrebatado,
O guardaste em teu seio ó campã fria!
Flor passageira, succumbio ao fado
E seus perfumes exalou n'um dia!
Quanta illusão desfeita em seu transportel
Sonhou glorias, talvez, sonhou amores!
Tudo, tudo, aqui jaz: carpir-lhe a sorte
Derramar-lhe na tumba algumas flores

(* * *)

Morrer! Morrer meu Deus, inda tão moço,
Quando a aurora no ceu mal despontava!

Morrer na flor da vida! Ver trocadas
Em pranto as illusões que alimentava.

Morrer quando os sorrisos da ventura
Lhe colavam no peito mil esperanças!
E seus olhos nos céus se mergulhando
Divisavam no horizonte só bonanças!

Infeliz que nem ao menos tu repousas
No sepulchro cavado em amiga areia!
Os teus e o teu lar abandonaste
Para irs morrer na patria alheia!

Já que o teu sepulchro é tão distante
Que uma lagrima não posso lá chorar,
Recebe como meu as puras gottas
Que o orvalho em teu tumulo derramar.

Não me é dado tambem poder siquer
Uma flor no teu tumulo collocar;
Mas levados pela brisa á tua campá
Alguns galbos de cypreste irão parar:

Guarda-os em teu tumulo caro amigo,
Recebe-os, que sou eu que l'os envio
Os cyprestes—são as flores que te mando
Minhas lagrimas—são as gottas do rocío.

Maranhão, 20 de abril de 1885.

Imresnom.

DE TUDO E DE TODOS

Decifração das charadas o
enigma do numero passado.

A 1.^a Carteira.

A 2.^a Araponga.

A 3.^a Acantho.

A 4.^a Lobato.

Enigma

Ellesponto.

I

As direitas moeda antiga, as
avessas é luxo—2

II

As direitas fructo, as aves-
sas cheiro—3

III

As direitas adverbio, as
avessas na egreja—2

IV

As direitas ave, as avessas
ave—3

Para o homem conhecerdes
Pelas acções o julgai
Não vos importe o que dizem
Vãos discursos desprezai!

E' doce o amar.

A' meu amigo J. R. Pires.

De Spencer a sciencia que esclarece o mundo,
e faz despertar
ao homem d'um sonho medonho e profundo,
é doce o amar.

De Arago a sciencia tão certa e precisa
que faz calcular
do astro a carreira que no ar deslisa,
é doce o amar.

De Murillo a arte tão rica e certa
que nos faz pasmar
ante as suas cores vivas, verdadeiras,
é doce o amar.

Do intellecto o progresso sempre desejado
que nome faz dar
ao homem por elle sempre esforçado,
é doce o amar.

A' virgem innocente tão viva! tão pura
que faz encantar
por taes attractivos, feliz creatura...
é doce o amar.

São Luiz, 26 de abril de 1885.

Iframomoje.

Os mãos traductores são co-
mo os moços de recados, quan-
to mais escolhidas são as
phrases que tem de repetir,
mais as estropiam.

Um tolo em alta posição é
semelhante a um homem no
cume d'uma montanha; todos
lhe parecem pequenos e a to-
dos tambem elle o parece.

A um judeo que fôra conde-
corado com o habito de Chris-
to, fez um poeta os seguintes
versos de improviso:

«Muita cousa tenho visto,
Santo nome de Jesus!
Ter no peito a Cruz de Christo
Quem poz a Christo na Cruz!

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

A' Strauss.

No n. 2 do *Porvir* um tal
Strauss, que nada tem de
Strauss, apparece com um *ar-
tiguete*, occupando-se da mi-
nha individualidade. Poderia
responder-lhe immediatamen-
te, mas antes de tudo, é pre-
ciso que o sr. Strauss se ex-
plique melhor e seja mais cla-
ro na sua linguagem.

Com effeito não o compre-
hendi, assim como ninguem
até hoje, ainda teve essa feli-
cidade!

Explique-me Straus o se-
guinte trecho do seu *arti-
guete*:

«Negamos ainda a existen-
cia de A. Ferreira—porque
«o imperador Justiniano,
«desse individuo, nunca nos
«fez menção.»

Traduzido este trecho de
um modo mais claro e apre-
sentando-se Strauss de visei-
ra erguida, isto é, com o seu
proprio nome (por isso que,
como não deve ignorar, o ano-
nymo é a arma dos medrosos)
terá prompta e cabal resposta
de quem não receia encarar
qualquer typo, por mais *com-
prido* que seja.

Maranhão, 22 de abril de
1885.

A. Ferreira.

EXPEDIENTE

Guilherme Wilson da Costa.

Acaba de perder as letras uma grande esperança!

E' de prantear que, em plena juventude, seja roubada a existencia a quem a precisava para ser util á sociedade!

Em viagem para o Ceará, onde dirigia-se, Guilherme Wilson da Costa, afim de procurar alivio de seus crueis padecimentos, falleceu em 19 do corrente!

Era Guilherme bom filho, dedicado amigo, bom irmão emfim era um modello de virtude.

Gosava a maior estima de todos aquelles que tinham a felicidade de conhecê-lo.

Contava apenas 16 annos de idade e desde que começou a instruir-se, esforçou-se sempre em seus estudos onde já tinha grande adiantamento e em recompensa de seus esforços adquirio honrosas e merecidas approvações.

Nós que sempre o consideramos, vendo desaparecer para sempre o amigo que idolatravamos, não podemos deixar de prantear sua morte.

A' sua familia damos os nossos sentidos pezames.

Jornaes.

Recebemos o 3.^o numero do *Repolio* assim como o 2.^o do *Porvir*. Agradecemos.

M scote

Recebemos o 1.^o e 2.^o numero deste interessante jornal, é de propriedade de uma casa commercial, em São Paulo, que tem esse mesmo nome e sua linguagem é agradável com especialidade ao bello sexo a quem mais attentiosamente se dedica.

Agradecendo os numeros com que nos mimosearam, desejamos a casa *Mascote* prosperidade afim de continuar a prestar serviços as letras.

Avante!

Merlo.

Agradecemos á illustrada redacção do *Melro* os seus dous primeiros numeros.

O *Melro* é um jornalsinho litterario e noticioso, propriedade de alguns moços da Thezina. E' pena que não tenha espaço bastante, para melhor expandir os pensamentos; com tudo, no pouco que contem, vê se o talento progressivo de seus redactores.

Desejamos que conservem sempre disposição e vigor para o trabalho em prol da instrucção.

ROLHAS E SACCA-ROLHAS

III

No numero passado tratamos do programma de preparatorios, e agora nos é forçoso continuar, a fim de dizermos mais alguma coisa acerca de se *progresso de instrucção*.

Mais ou menos já apreciamos certos pontos do programma, resta-nos cogitar as suas vantagens e a fonte d'onde é emanado.

O verdadeiro fim do ministro, pelo seu programma, é dificultar os exames, para evitar que em tão pouco tempo tenha o Brasil a gloria de possuir grande numero de bachareis! ou por espirito de invenção. Não vemos n'isso cousa alguma louvavel. Nos Estados-Unidos e outros paizes, em que a civilisação tem subido a seu auge, o verdadeiro fim dos homens que dirige a instrucção, é tranqueal a, facilitando todos os meios que a faça progredir, já creando, em quasi todas as provincias, Universidades, já dando-lhes mestres sufficientes a prehencher, nos estudos primarios, todos os ramos de conhecimentos que o torne habil aos estudos secundarios.

A considerar-se que o fim do programma é evitar que se considerem habilitadas pessoas que não o estejam, ainda assim o nobre ministro não teve a prespicacia convenien-

te. Quanto mais difficil for o programma, mais inconscientemente adquire o alumno a approvação; pois, tendo elle de preparar se nos pontos marcados pelo programma, a fim de satisfazer todos os seus caprichos, vê-se na contingencia de recorrer a pessoas habilitadas, para formular lhe os pontos e estas, bondosamente accedem, porque conhecem que Chimica, Botanica, Geologia, Climatologia e Meteorologia, são conhecimentos que se não ensinam nas provincias em que não tem academias. e nem o homem quando nasce os traz.

Não podemos conceber que o ministro tivesse em mente dificultar os exames, para evitar o progresso; não, o que nos parece é que depositando elle grande confiança em seu *archivista*, por estar atarefado com a grande crise que parece querer dar uma nova face ao paiz das bananeiras, ao entrar no seculo XX, encarregou o de formular a *grande e preciosa reforma que alcançará o apothieosis do seculo XIX*.

O *archivista*, pouco habituado a abrir livros, teve naturalmente a infelicidade de deparar com La Terre par Eliseé Reclus curso de estudo secundario; e d'ahi a *troncos e a barrancos* formou os pontos de geographia e assim, de autores da mesma cathedra, redigio os de philosophia, historia, etc.

A culpa do ministro é inteiramente relativa; ao *archivista*, porem, que, por qualquer motivo *superior*, não sabendo formular pontos, encarregou-se do *moralizando da instrucção*, é que, pela sua culpa absoluta, por se ter encarregado de uma tarefa superior ás suas forças, aproveitamos o ensejo de enviar-lhe rolhas e mais rolhas á sua fonte corrente de innovações.

Assignatura

15000 por

TRIMESTRE.

O SORRISO

Sahirá

aos domingos

2 VEZES POR MIZ

PERIODICO, CRITICO, LITTERARIO E RECREATIVO

O SORRISO

Maranhão, 10 de maio de 1885.

Molière.

João Baptista Poquelin, que tomou no theatro o nome de Molière, é sem contestação o fundador da comedia moderna.

Filho de João Baptista Poquelin, negociante e criado grave do rei, e de Anna Bouquet, Molière teve uma educação muito conforme á profissão que lhe destinavam, e até aos quatorze annos apenas sabia ler e escrever.

Seu avô frequentava muito o theatro e levava muitas vezes seu neto ao de Borgonha.

Molière conseguiu que seu pae, com esta repugnancia que os burguezes tem ás letras, o collocasse n'uma pensão dos jesuitas.

Não havia por este tempo comediantes fixos em Paris e representavam se as peças de Hardy, Montchrétien, Balthazar Baro, etc., que primavam sempre pela falta de merito dos seus autores.

Richelien comprehendou a importancia do theatro como instrumento da grandeza intellectual de um povo, e protegendo os dramaturgos, fez reviver o gosto pelas composições dramaticas.

Pedro Corneille, estreando-se com a comedia Mérite, encheo o palco com as suas produções, e a França com o seu nome.

Adoptando a maxima—*Je prends mon bien où je le trouve*, começou Molière a encarnizada luta contra todos os vícios e ridiculos.

Nas *Preciosas ridiculas* elle stigmatiza a affectação grotesca de um sexo que só é forte pela sua propria fraqueza.

No *Burguez fidalgo*—o luxo caricato da burguezia querendo hobrear com a nobreza e sendo desfrutada por ella.

No *Medico á páo*—o charlatanismo que encobre a ignorancia de muitos medicos.

E no *Misanthropo*—este scepticismo a que o infortunio o tinha reduzido.

Com esta intuição que só os genios teem, elle conheceu o *Tartufo*, o falso devoto, e retractou o magistralmente. Vê-se ali o hypocrita introduzindo-se no lar domestico, intriguando o pae com o filho, procurando com um desinteresse fingido assenhorear-se da fortuna, e ao mesmo tempo da mulher do seu amigo.

Este drama que arrancou a admiração de todos os homens de bem, provocou os odios daquelles que com os exteriorres de uma devoção convencional, julgam enganar a Deus, e assim subir ao céu.

Desencadeiaram-se sobre Molière todos os odios e no *Processo das preciosas*, Elo mire hypocondriaco, a Vingança das marquezas, etc. pretenderam os Villiers Montfleury-filho, Boursault, reduzir a nada a obra de Molière.

Porem todos estes criticos cahiram e desapareceram, embaraçados na polpa genial do grande dramaturgo.

Depois de ter mallogrado a critica, recorreram os inimigos de Molière á infamia, e disseram que elle era incestuoso com a sua propria filha. Esta torpeza não merece as honras de uma refutação.

Entre todos os escriptos publicados contra Molière, mere-

ce especial menção o do padre Rouellés, homensinho bastante ignorante, porque lendo-se o seu escripto não se sabe o que deve se mais admirar, se a estulticia do juizo, ou a intrepidez dos insultos. Leiamos o que disse o padre:

«Um homem ou antes um demônio encarnado e com apparencia humana, o mais signalado impio e devasso que nunca houve nos passados seculos, teve a atrocidade e a abominação de fazer sahir do seu diabolico espirito uma peça prestes a tornar se publica ensaiando-a no theatro, para escarneo de toda a egreja e vilipendio do caracter mais sagrado e função mais divina, bem como para injuriar do que mais sancto a egreja ordenou, para sanctificação das almas, com o designio de tornar o seu uso ridiculo, desprezivel e odioso.

Por este attentado sacrilego e impio merecia elle o ultimo supplicio publico e exemplar e até a pena do fogo, precursor da do inferno, para expiar tal crime tanto de lesa magestade divina, que tende a arruinar a religião catholica, affrontando e ludibriando a sua mais religiosa e sancta pratica que é a direcção das almas e das familias, pela intervenção de guias esclarecidos e directores piedosos.»

Accusam Molière de plagiatto, e affirmam isto, notando que o *Tartufo* tem analogia ascendencia nos *Hypocritas* de Scanon, e que o proprio *Misanthropo* orna-se com versos littoralmente traduzidos de Lucano.

Seguimos a opinião de V. Fornel, e achamos que a verdadeira originalidade consiste muito menos na invenção, do

que na disposição dos materiaes e na maneira de aproveitar-se delles.

Molière tinha o sentimento da caridade elevado ao mais alto gráo.

Um dia, deu elle esmola a um pobre.

Pouco depois o mendigo veio procural-o. «Senhor, talvez não tivesses o desejo de dar-me um *louis* e eu venho restituil-o.

— Guarda, meu amigo, e leva mais este; e exclamou — Onde foi a virtude se aninhar!»

Molière desposou em 1661 uma moça filha de um fidalgo chamado Modéne.

A differença da idade, e os perigos que uma actriz moça e bonita corre no theatro, fizeram que o illustre dramaturgo sentisse no lar domestico os mesmos desgostos e ridiculos que elle stigmatizava no palco.

Sempre doente, Molière nunca poupou a medicina, e o seu medico Mauvilain era o primeiro a rit-se das ironias que brotavam daquelle fecundo espirito.

Morreu Molière em Paris, em 17 de fevereiro de 1673, na rua Richelieu, tendo a idade de 53 annos.

A Academia Franceza, em 1778, collocou, por proposta de Saurin, o busto de Molière na sala de suas sessões, com este distico bastante significativo:

*Rien ne manque á sa gloire;
il manquait á la notre.*

Que mais me resta soffrer?

Lembras-te, ó virgem mimosa,
O' minha querida rosa,
Daquelles dias saudosos,
Em que juntos nos achavamos
E do futuro fallavamos,
Tão alegres e ditosos?

Te lembras da nossa infancia,
Dessas juras de constancia
Que mutuamente faziamos?

Lembras-te, querida rosa,
Dessa quadra venturosa
E do prazer que sentiamos?

Mas, porque não me respondes,
De mim o teu rosto escondes?
Já não te vejo sorrir;
Acaso já te esquecesto
Das juras que me fizeste?
Não as queres mais ouvir?

Desses dias venturosos,
Que passaram, tão saudosos,
Não lembras-te acaso mais?
Ah! talvez que te esquecesses,
Talvez mesmo não quizesse
Tornar a ver-me, jamais!

E os meus dourados sonhos,
De ventura, tão risinhos,
Eil-os desfeitos, já pó!...
E o meu peito onde outr'ora
Tudo era amor, ha de agora
Gemir esquecido e só!...

Porem tu que não me amavas,
Porque não m'o confessavas,
Porque juravas-me amor,
Se sentias só amisade,
Para a minha f'licidade
Mudares agora em dor?...

Quando outr'ora me fitavas,
Quando commigo fallavas,
Se te sorrias p'ra mim,
Que era o que eu te dizia?
Eu sempre te repetia:
Nunca te esqueças de mim!

Porem tu já te esquecesto,
Minhas lembranças perdeste
Não as queres mais rever.
Tu, qu'eu amei, me enganaste
Meu peito dilaceraste:
Que mais me resta soffrer?...

Desengano.

E tarde! E' muito tarde! o templo é negro...
O fogo-santo já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas pyras...
E' tarde! E' muito tarde!

(Castro Alves.)

Porque me fitas teus fogosos olhos,
Mulher—d'enlevos fementidos, falsos?
Não temes, louca, entregelar te as veas,
Pisando o gelo com teus pés descalços?

Porque sorriste com esse riso doce,
Que ensina gosos... e faz padecer?...
Acaso julgas que a cratera extincta,
Que a cinza fria tornará arder?...

Penle essas palpebras, não me olhes—louca,
Curva essa fronte de mentir já gasta;
Por Deus! não queiras transbordar o calix
Do fel amargo qu'eu provei... Oh! basta!

Não me sorrias, que os teus falsos risos,
Eas mim não causam impressão dulcifica,

Ah! E tu choras?... O' tardio pranto!
Serás acaso de arrependimento?
Embora o sejas!... E' já muito tarde!...
Oh! não augmentes mais o meu tormento.

Guarda o teu pranto que não dá remedio,
Guarda essa prova do martyrio cumulo,
E' tarde! já, pra reviver amores...
Só resta hoje o esquecimento — o tumulto.

Nos tempos idos fascinaram-me elles,
Hoje... me causam desillusão mortifica.

P'ra que te illudes quando o véo desfez-se,
Quando a cortina da illusão rasgou se?
Já nada resta dos passados dias,
Entre nós ambos já tudo acabou se.

Vive tranquilla—mas m'esquece, louca,
Oh! não me ames—eu serei ditoso;
Procura a vida—qu'eu na paz da morte,
Na sepultura acharei repouso.

ROLHAS E SACCA-ROLHAS

Trataremos agora da grande reforma do nosso estimabilissimo Lyceô.

Como dissemos no primeiro artigo desta secção, a verdadeira decadencia da instrucção é a falta de meios pecunia-rios.

Ha muito achava-se o Lyceô desta provincia em completo desprezo; e, graças a um descuido, escapou do emagrecido cofre provincial dous *vin-tenzinhos* para alguns reparos.

Segundo certas opinões está o Lyceô Maranhense como um *brinco*: já pode ser visita do por pessoas de grande *cathegoria* e até por senhoras da *alta sociedade*! Se ainda existissem as *rainhas* da antiguidade que gostavam de visitar magnificos edificios, viriam até aqui!...

Em alguns tempos idos, os nossos Lyceurgos lembraram-se de encher um cantinho de uma pagina do orçamento, com a *grande quantia* de 5:000\$ reis para reformas! Mil planos formaram-se. Alguns até já não queriam, para funcio-nar o Lyceô os baixos da ordem carmelitana; tão feio andar-se nos baixos alheios, antes nos do palacio do governo.

Certamente formar-se-hia de algum dos edificios provinciales, um que rivalisasse com o *Pagode de Tangriour da India*; porem a desgraça frustrou tantos desejos: uma montanha que parecia dar a luz a uma cidade, deixou escapar um esmirrado ratinho! Está o Lyceô pintado! Collocaram-se tijolos onde faltavam! Se fossemos ministro, teriamos dado ao exm. presidente da provincia um officialato da Rosa; tantos bens prestados! *nem a lei de 28 de setembro!*

O exm. presidente, por pedido do distincto e esforçado lente do Lyceô, dr. Tiberio Cezar de Lemos, sem reflectir fez uma careta á Academia da

provincia donde é natural. A Academia do Recife tem *thronos*; porem o Lyceô Maranhense está *pintadinho, limpinho, feixadinho*; e a frente rebocadinha, tem *preguinhas para as lanterninhas nos dias das passeiatinhas*; então?... já não é *progresso!*!

E tu, Academia, estás suja: a tua testada não está rebocada. Que vergonha! uma cidade do norte *deu te capotel!*...

A um feito tão elevado, as nossas *Rolhas e Sacca rolhas* não podem dar a devida recompensa; e deve ser cantado, não em poemas feitos por qualquer *pica-fumo*, por isso invocamos á *inspirada muza de Chanches*. O *Chanches*, só tu poderás elevar estes *feitos valorosos a altos páos*, só tu poderás tecer a coroa de gloria por tão elevado melhoramento!

DE TUDO E DE TODOS

Decifração das charadas do numero passado.

- A 1ª—Mites.
- A 2ª—Aroma.
- A 3ª—Assim.
- A 4ª—Arara.

I

A esta preposição latina quando versa sobre um rio tem subsistencia propria. — 1—2—2.

II

Parte d'um opusculo com o que faz afflicção dá valor ás flores. — 1—1.

III

Um bocado de orvalho sobre outro tanto de cobre produz o que todos temem. — 1—1.

O que murmura dos outros, Não dá de si bom indicio;

Fallar dos vicios alheios, E' tambem um grande vicio.

Uma noite, estando reunidos em uma sala algumas pessoas a brincar prendas, diz uma senhora, sem reflectir, dirigindo-se a uma das visitas:

—Sr. F. quando as pragas cantam em nossos ouvidos, o que dizem? não é: V. dorme hoje aqui?

O interpellado vendo que já eram onze horas, sem saber o que responderia a esta innocente indiscripção, disse:

—Não, minha senhora, vou já para casa.

A sorte do ignorante
E' só erro e perdição
O saber é mais que o ouro
E' preciosa a instrucção.

Licção de Historia

Quando Urbano Grandier
Foi queimado em *Itaparica*,
Embarcou p'ra *Villa Rica*
O visconde Cuvier.
O duque de Beranger
Co' uma *espingarda d'agulha*
Fez fugir toda a patrulha
Do *sultão de Candahar*,
A qual se foi se occultar
Na *travessa do Pampulha*.

Tocando sanfona Hyparcho
N'um baile do *bey d'Argel*
Dançava Guilherme Tell
A *Gavota* com Plutarcho,
As rãs grasnando no charco,
Não deixaram concluir
A conta de repartir
Que Esaú fez com Jacob
Na *ponte de Itororó*
Junto do *Alcacer-quivir*.

EXPEDIENTE

Recebemos o 3º numero do *Porvir*. Agradecemos.

VARIEDADE.

A Dama Branca

CONTO.

(A meu amigo Salustiano J. C. de Faria.)

Longe...mais longe ainda, além dos mares,
Lá, onde a natureza se reveste
Com essa magestade grandiosa,
Que aprouve ao Creador o conceder-lh'a,
Como em tudo revelando a sua mão;
Lá, n'essas inoradas regiões,
Onde poder não têm os vis humanos,
E só reina a eterna primavera;
Ostentava orgulhosa seu verdor,
Floresta secular, escuro couto,
Formado da ramagem impermeavel,
Que unida em solidos abraços,
Tecia espesso tecto ao labyrintho
Dos troncos gigantescos dos pinheiros,
Nessa umbrosa floresta, antro escuro,
Onde talvez mortal jamais entrára,
Lá os raios do sol não penetravam:
Nem a lua sequer a sua fronte
Aos seus moradores descobrira.
(Moradores, se é que póde um mortal,
Um ser qualquer, um ente que respira,
Viver onde a solidão somente habita.)
A claridade do dia tão somente,
Conseguia coada mui de leve
Pela enorme espessura da folhagem,
Aclarar esse horrído retiro.
Jamais seu puro anil o céu mostrára
Por entre alguma fenda da folhagem.
Jamais os passarinhos em seus ramos
Com seu doce trinar o espaço encheram.
Somente o vento forte e audacioso;
Que sem temor penetra em toda a parte,
Atrevia-se a querer dessa floresta,
Devassar o segredo que ella tinha.
Elle, que das arvores gigantescas,
Os galhos estorceia com estridor
Igual a um gemido prolongado,
Cujosom ia sendo repetido
De galho em galho até morrer além:
É como despeitado das pesquisas
A ruina deixando em sua passagem,
Parecendo exclamar cheio de ira:
«Solidão, solidão e nada mais!»
O pastor que pascia o seu rebanho
Nas campinas de tenra e fresca relva,
Temião approximar-se da floresta;
E quando seus olhos por acaso
Ao longe a avistam, se benziam,
Tomados de terror, cheios de medo.

Mas, qual era a causa desse pánico?
Porque todos fugiam da floresta?

Que assombroso motivo repellia
(Qualquer humano ser do seu contacto?
Era acaso o temor das brutas feras?
Era dos ladrões justo receio?
Não. Não era isso e sim porque
A maldição pesava sobre ella.
Porque alvo phantasma, á meia noute,
Quando todo mortal em brando somno
Se repousa das lides do trabalho,
Surgia por encanto de seu seio.
Era horrendo o phantasma e de mulher
A sua alva forma semilhava.
Peste, destruição, calamidade,
Eram sellos visiveis da ruina
Que o phantasma deixava em sua passagem.
E ai do infeliz, que por desgraça
Chegava a encontrar a em seu caminho!
Se logo apoz o vel-a não morria
Poucos dias ou horas lhe restavam.
Por isso, antes que o sol no seu occaso
Vagaroso começasse a s'obumbrar,
O pastor conduzia o seu rebanho,
Ao aprisco seguro, onde guardado
Pelos cães que possuia, fieis, fosse;
E depois de tel os em segurança
No lar com sua familia s'encerrava.
Alli não se fallava em outra cousa,
Que não fosse a ruina que o phantasma
Aqui, ou acolá, tinha deixado.
Mal soavão as doces badaladas
Do campanario do festivo som
Que a Ave Maria entoava,
A mãe, abençoando seus filhinhos
Ensinava-os a orar ao Pae do ceu,
Para que os livrasse do phantasma
A quem todos chamavão — A DAMA BRANCA

Onde ficão essas plagas tão distantes?
Em que mundo, floresta, tu habitas?
Que anathema cruel sobre ti pesa?
Fallai muda solidão, fallai floresta,
Fallai ó minha lyra adormecida.
Despertaí do lethargo em que jazeis,
Quebrai essa nudez aterradora
Da floresta maldicta e ignota.

E vós que viste a maldição que peza
Sobre essa floresta, em que a morte
Só parece habitar; vós, que talvez
Não sintais o terror, que a tradição
Incutio nos espiritos pueris;
Deixai que a minha lyra inspirada
Vos répita um ecco da floresta.
Ouvi o que a brisa ainda repete
Por entre a espessura da folhagem:
E então sabereis quem era o espectro
O niveo phantasma — A DAMA BRANCA.

(Continúa.)

Assignatura

15000 por

TRIMESTRE.

O SORRISO

Sahirá

aos domingos

2 VEZES POR MEZ

PERIODICO, CRITICO, LITTERARIO E RECREATIVO

VICTOR HUGO

Pezado luto cobre o genero humano.

Denso véo de tristeza paira sobre a fronte da humanidade. Ouve-se o soluço immenso do seculo que chora o seu maior filho, do seculo que pasmou e alegrou-se de o ver nascer, do seculo que pasma de vel-o morrer, tanto elle parecia immortal.

Victor Hugo não mais existe. Aquelle organismo privilegiado em que brilhava a supremacia do poder intellectual desapareceu; aquelle plarol em que scintillava a luz que servia de guia ao seculo, extinguiu-se. O homem voltou para o seio da natureza a confundir-se com ella na harmonia universal. Ficou, porem, o que o homem pensara:—o homem não morreo. O que era materia foi para a materia; o que é pensamento fica para o pensamento humano. Contra homens como Victor Hugo o nada é impotente.

Deixara o seculo XVIII a ruina enorme de una litteratura que se esphacelava: a lingua perdera a flexibilidade e os velhos moldes classicos não mais podiam renovar-lhe a seiva da vida. Foi então que um homem veio e disse á lingua: não morrerás; á litteratura: hei de crear-te, hei de tirar-te essas roupagens senis para cobrir-te com o manto novo do seculo. E esse artista da palavra, esse engenheiro para quem a phrase tinha scintillação de diamante, fascinações stellares, organisou o grande movimento romantico de 1830, essa revolução esthetica—indispensavel primordio do naturalismo de nossos dias.

E' preciso bem comprehender a magia prodigiosa desse espirito na adhesão entusiasta com que os espiritos noveis accudiram ao impulse dado por elle. A creança sublime, na phrase de Chateaubriand, que escrevera aos doze annos o *bug-Jargat*, aos dezotoito o *Chant du Sacre*, logo no seu apparecimento na scena franceza occupou o primeiro logar no theatro moderno. A magia lyrica de *Marion Delorme*, a satyra pungente da monarchia no *Roi s'amuse*, a comprehensão do caracter de Carlos V no *Hernani*, a pintura da mãe incestuosa na *Lucrecia Borgia*, a apothese de Frederico Barba Ruça nos *Burgraves*—todas essas creações rejuvenesceram a scena franceza. E ao passo que o theatro surgia, a poesia lyrica brotava pujante, esplendida, seduzindo com o seu fulgor magico. *Les Rayons* e *Les Ombres*, *Les Chants du Crépuscule*, *Les Orientales*, *Les Feuilles d'Automne*—impunham-se a toda a terra como maravilhas lyricas de tão subido valor, que na phrase de seu adversario Zola, lhe concederam o nome de primeiro poeta lyrico de todos os tempos.

Seria, porem, Victor Hugo menos do que é se, alem de poeta, de creador de uma litteratura, não fosse como foi amigo da humanidade. Em meio das luctas do seculo da democracia em guerra com o despotismo, vio-se-o sempre tomar em mão a bandeira dos fracos e dos opprimidos. Ou seja na *Notre Dame de Paris* fustigando a barbaria dos tempos feudaes; ou seja no *Dernier Jour d'un Condamné*, apostrophando a pena de morte; ou seja nos *Chatiments* vergastando a face dos homens do segundo imperio; sempre é justiça quem lhe mudula a phrase, a humanidade que lhe mede o verso. Nada do que é humano lhe escapa; e a elevação do sentimento equilibra nelle a grandeza do genio.

Exilado em Jersey affastado da patria pela tyrannia de Napoleão III, em meio dessas ilhas brumozas acoutadas pelo Mancha, vivera o poeta em meio da tempestade, elle que era uma tempestade no meio do mundo intellectual. Depois da capitulação vergonhoza de Sedan, depois desta catastrophe que trago o segundo imperio, a patria abriu-lhe os braços; e elle voltou á patria. Conservava todo o seu vigor e a idade não lhe tinha extinguido a augusta chamma do genio. *A Histoire d'un crime*, *Le Pape*, *Les Quatre vents de l'Esprit Humain*, *La Pitié Supreme*, ainda attestam o vigor d'uma intelligencia lucida, que nem a idade nem a desgraça haviam empannado. Pariz, a França, todo o mundo civilisado fizeram-lhe então a apothese: só restava o homem morrer.

A obra realisada por Victor Hugo espanta por sua grandeza colossal: embora já o espirito do seculo não esteja com elle, todos são unanimes em proclamar-o o primeiro vulgo da epocha. O seculo XIX será chamado seculo de Victor Hugo; a poucos homens é dado semelhante gloria. Nós para quem o genio é o que ha de mais sagrado na terra, ajoelhem-nos sobre o simulacro d'aquelle que já é e ha de ser sempre no porvir—Victor Hugo o Grande.

Dorme, velho immortal, no seio da tua gloria: não foste nem Papa nem Rei, mas foste mais que elles—Genio.

O Grande Genio

Hontem tivemos a pezarosa noticia, que o mundo inteiro connosco lastimará, da perda que teve logar em Paris, de um dos grandes homens do seculo XIX—o popular Victor Hugo! cujo nome immortal passará de seculo a seculo.

Via-se em Victor Hugo o patriota denodado e o pensador eminente; denodado, porque em seus escriptos vê-se-o arrostar todos os perigos, para chegar a uma conclusão que servio para animar aos seus compatriotas, a dedicarem-se a um novo e verdadeiro modo de pensar, e servirá de exemplo a todas as nações: eminente, porque os seus pensamentos elevam-se ao sublime para adrogar a grandiosa idéa da liberdade, talisman poderoso para fazer progredir uma nação, e sem o que não medram as sciencias e as artes, pois o Hugo da escravidão tudo anniquila, como uma prolongada e viva desiroo as nascentes ervas.

Victor Hugo deixou a existencia, proprio de um homem, e verdade: a impiedosa morte sem respeitar tantos louros fez baixar o seu corpo á tumba, para em breve desaparecer! porém os Victor Hugo nunca morrem; se os seus corpos desfazem-se como seres viventes, os seus pensamentos sobrevivem para sempre.

Victor Hugo a quem a humanidade tanto deve foi um martyr da litteratura, porque propalava idéas verdadeiras, e essas idéas prejudicavam a um pequeno grupo de homens. Homem resolutivo, porém, persiste na verdade, e ella que é boa, nobre, util, triumphou, e assim triumphou Victor Hugo, pois elle nada menos é que a verdade.

Por ti, velho raro, deixamos correr duas lagrimas, pois sozinhos homens, e o coração do homem é fraco, não rezista a grandes dores.

O SORRISO

Matanhão, 21 de maio de 1885.

O desenvolvimento intellectual não se obtém só nas escolas; a fraqueza de que o espirito humano é muitas vezes tomado, nem sempre nella pode ser removida; não bastam tão somente os conhecimentos que ellas nos fazem receber, e, mui principalmente, quando em nevoas a razão se acha envolta, que prostrase em estado de impossibilidade de resolver o mais simples problema, aiadamesmo, conhecendo a theoria; com tudo, o acanhamento torna-lhe embaraçada, a execução ou a pratica; o espirito, sem ser convenientemente cultivado, sem a verdadeira instrucção, nunca poderá decantar, e para obter a é necessario que haja á escola um auxiliar em que funcione o intellecto, em que as idéas se habituem á ligação de diferentes juizos, que são adquiridos as leis do raciocínio: e nãum meio poderoso que a imprensa, razão por que a ella recorreremos, pois, a intelligencia inculta, é como o diamante não lapidado, que nem pelo ser, poderá ter tanto valor, quanto é que passou pelos processos da arte.

A sua cultura, o seu desenvolvimento; eis o alvo dos nossos esforços: a instrucção, e tão somente ella é que a tal empreza nos conduz: continuarão incessantes, uma vez que se nos proporcione a coadjuvação de que precisamos.

Findo é hoje o primeiro trimestre do *Sorriso*, e desejamos proseguir; esperamos do publico illustrado o apoio que sempre dispensa em casos a este semelhantes, e então, com o mesmo programma, continuará este *journal*.

Galiléo.

Com a descoberta do telescópio, em 1606, poderam os astrónomos entregar-se ás mais ousadas concepções e as operações mais delicadas.

O seculo XVII, o seculo de Kepler, Pascal, Newton, Leibnitz, occupa lugar bastante importante na historia da Astronomia.

Com a exactidão absoluta dos methodos de observação e do calculo que caracteriza a géodesia moderna, João Picard conheceu que o globo terrestre não é uma esphera e sim um espheróide, isto é, uma bola ligeiramente achatada nos polos e engrossando no equador, donde resulta que do equador aos polos os grãos terrestres apresentam um accrescimento progressivo.

Assim a magnifica operação de Picard deu nos ao mesmo tempo as dimensões e a forma exacta do nosso globo.

O achatamento da terra nos polos é a 302ª parte e uma fracção (302,4) do raio polar.

Entretanto a astronomia ganhava estas victorias scientificas, a Italia prosperando sempre e tornando se notavel em quasi todos os ramos de conhecimentos humanos, produzia Ariosto, Tasso, Machiavel, Galiléo, etc.

Nasceu Galiléo em Pisa em 1564: construiu o primeiro telescópio e reconheceu, depois de Copernico, o movimento da terra ao redor do sol, sustentando que esta theoria estava de accordo com a Biblia.

Em 1610, descobriu Galiléo os quatro satelites de Júpiter, e o seu genio previu o immenso soccorro que os frequentes eclipses destes pequenos astros podiam prestar para resolver o problema das longitudes.

Porém para applicar os satelites de Júpiter á navegação, era preciso preparar taboas exactas que foram calculadas em 1666 por Dominique Cassini.

indo Galilêo a Roma em 1616, publicou as suas desconfianças e adquiriu com ellas tal prestigio entre os cardeaes e fidalgos, que só com a sua presença, desconcertaram as acusações formadas contra elle.

O cardeal *del Monte* e outros membros do *Santo Officio* aconselharam-n'o que tivesse mais prudencia.

Galilêo sem seguir este conselho, exigiu do papa e do *Santo Officio* que declarassem *systema* de Copernico, fundado na Biblia.

Paulo V, fatigado pelas suas instancias, resolveu que a questão fosse decidida por uma congregação.

Esta congregação somente decidiu que a opinião do momento da terra não funda-se na Biblia, sem lhe prohibir as hypothèses astronomicas.

Antes de partir para Florença, teve Galilêo uma conferencia muito amistosa com o

1632, sob o pontificado de Urbano VIII, elle publicou

Delle due massime

systeme del monte, e apor-

ta de usar nelle de uma approvação falsa, era tal o respeito que o seu nome inspirava, que ninguem ousou reclamar.

Continuando a sustentar como dogma a rotação da terra sobre o seu eixo, foi chamado a Roma, onde morou, não na inquisição, mas no palacio do consul da Toscana.

Foi d'ahi transferido para a casa do fiscal, onde demorou-se quinze dias.

Reinando a peste em Florença, elle passou-se para casa do seu melhor amigo Mr. Piccolomini, arcebispo de Siena.

No seu processo não tratou do seu *systema*, que todos admiravam, e sim da sua preta conciliação com a Bi-

Galilêo retractando-se neste ponto, teve permissão de voltar a patria.

Dizem os inimigos da Igreja que ella é adversaria natural da sciencia; que assim como o vampiro não pode supportar a luz do sol, e só nas trevas continúa a sua obra de destruição, assim a Igreja só gueirreando a sciencia, pode sustentar os seus dogmas.

Deixando de parte esta questão, lembraremos apenas que quando o feudalismo estava no apogêo do seu poder, e que os nobres encerrados nos seus castellos, diziam com este atrevimento que dá a ignorancia, que não sobiam ler nem escrever na sua qualidade de fidalgos, a sciencia expulsa de toda a parte, foi alargar-se nos mosteiros onde os pobres frades procuravam nos livros lenitivo aos seus desgostos.

Consultando Guichardini e Nicolini, amigos e protectores de Galilêo, e as obras do proprio Galilêo, vese que este foi perseguido como mau theologo e não como astronomico.

Accusam a religião catholica de intolerante, porem qual é a religião que o não tem sido?

Convicto da santidade das suas crencas, o summo pontifice de paganismo pedia e obtinha a morte dos christãos.

Eu sou a verdade, dizia Mahomet no meio dos seus vassallos e em nome dessa verdade a Asia banhava-se em sangue.

Segui as minhas doutrinas, eu sou a verdade, dizia Calvino, e em nome ainda da verdade, Michel Servet foi queimado, e Bolsec, Castalion, etc., perseguidos, e obrigados a ir procurar no exilo a segurança que a patria não offerecia mais.

Emfim, é em nome da justiça e em nome da verdade que todas as religiões tem sido pregadas, e em nome tambem da justiça e da verdade milhares de victimas são immoladas.

E essa mesma humanidade, que move pela liberdade de

consciencia uma guerra terrivel contra o catholicismo cujo maior crime é ter á frente do seu governo um pobre velho que, como diz Tobias Barreto, sentado no Vaticano, só tem benções para offerecer aos homens, applaude e admira a energia com que o principe de Bismarck opprime a Alemanha, sem duvida, digna de um governo mais livre, e extasia-se da politica dos inglezes, *louros como as suas libras sterlingas, e frios como o metae que as compõem*, que com este egoismo que os distingue, aniquilam e destroem a poetica Irlanda.

Galilêo morreu em 1642, victima não do odio da Igreja pela sciencia, e sim deste fanatismo que a rasão condemna e o coração repelle.

EXPEDIENTE

WALSA SORRISO

Tivemos a honra de sermos mimoseados pelo distincto maestro Leonardo Ferreira de Souza, com a elegante walsa de sua composição, denominada SORRISO.

Tencionamos imprimil-a, e logo que esteja prompta, distribuiremos a cada um de nossos assignantes um exemplar instrumentado para piano.

Summamente agradecemos ao illustrado maestro este importante trabalho que demonstra dedicação á cadeira que mui dignamente occupa no magisterio.

DE TUDO E DE TODOS

Decifração das charadas do numero passado

A 1ª - Adversario.

A 2ª - Odor.

A 3ª - Orco.

Dos imprudentes costumes o peor é motejar.

Muitos amigos se perdem por uso de gracejar.

VARIEDADE

A Dama Branca

CONTO.

Do amigo Salustiano J. C. de Faria.

(Continuado de n. 5)

I

O viajante quando se aproxima
De Chamouny risonho e fertil valle,
Vê diante de si altas montanhas,
Que magestosamente se elevando,
Confundem os seus picos com as nuvers.
São estas as montanhas da Saboia,
Que sempre acompanhadas de neveiras,
Descendo quasi ao nivel das planicies,
Se estendem a um enorme comprimento;
Separadas por campos e pastagens,
Por sylvestres florestas e regatos.
A neve ahi espalhada em grossos rolos,
Confunde-se com a riqueza da cultura;
De maneira que a serie admiravel
De objectos de aspecto mui diversos
Patenteia o conjunto mais ameno,
Que pode a natureza offorecer
Em singularidade tão formosas.
Dentre as muitas florestas uma ha,
Mais enorme que as outras e mais longe
De todo o povoado; escondida
Entre montes e rochas escarpados;
De um lado, porem, extenso valle
Desenrola-se ao longe da floresta,
Podendo a meia legua de distancia,
Se ver a sua enorme e verde massa.
E' bello, é magestoso o panorama,
Que pode ahi então gosar a vista.
Alem dessa verdura perennal
Que vai se confundir com o nevoeiro,
Distingue se, quaes alvos caramelos,
Os pincaros nevados da cadeia,
Chamada Alpes Penninos, que em parte
A Suissa separa da Saboia,
Até que á semelhança de uma facha
Levemente azulada, vai perder-se
Para sempre da vista confundindo-se
Com as regiões ethereas do horisonte.

A algumas milhas para lá dos Alpes,
Ao Oeste da Suissa ha uma curva
Formada de montanhas e rechedos,
Que vai arrematar em um abysmo
De negros e horrendos precipicios.
Junto a um destes em uma cavidade
Que forma em meia encosta uma montanha,
Elevam-se as ruínas grandiosas
Do antigo solar de Martigni;

De forma que os innumerados rochedos
Occultam o castello em grande parte,
Podendo só uma torre perceber-se
E algumas muralhas derrocadas.
Mas cousa encantadora! alem dos montes
O castello se mostra todo inteiro:
Mas o que de mais bello ainda existe
E' a grande illusão que a todos causa
A sua enorme base saliente
Por parecer que está meia suspensa.
Ao ver se as suas torres e ameias
Já quasi destruidas e cobertas
De verdes parasytas e de hera,
Ninguem diria que alli reinara
O luxo, o esplendor, o fasto, a moda,
As festas, a riqueza, a opulencia.
Esse castello hoje abandonado,
Refugio dos moreegos e curujas;
Esse muros já velhos denegridos;
São mudas testemunhas dos prazeres,
Das orgias, amores e quem sabe?
Talvez de cruas dores e remorsos.
De quantas expressões apaixonadas...
E mil juras de amor essas paredes
Não foram n'outros tempos confidentes!
Quantos tramas horrendos, quantos crimes
Talvez que não occultam essas ruínas!

Dos Martigni extincta é já a raça.
Um só (dizem não é certo) desses nobres
O conde Theobaldo, ainda existe
Mas onde? em que lugar? ninguem
Vivera com effeito ha muitos annos
No antigo solar um moço excentrico,
Que alli, como em um claustro se encerra
Levando a sua vida em esquecimento.
Era esse moço o conde Theobaldo
Ultimo dos herdeiros desse nome.
Vivia com o conde outro mancebo
Que passava por ser amigo intimo.
Maurício, (era o nome do mancebo)
Igual ao conde em idade e isolamento,
Mas não na elevada gerarchia,
Era o unico ente que talvez
Conhecesse o mysterio dessa vida
Obscura que tinha Theobaldo.
Theobaldo, diziam, fôra um moço
Que dispersara quasi sua fortuna
Com todas as paixões dissipadoras,
Que pode apeteecer a um libertino.
Tivera mil amantes e a todas
Por mais uma conquista despresara;
Vivendo no bulicio das cidades,
Rodeado de mil aduladores,
Assim passava a vida; quando subito,
Chega uma noite o conde a Martigni.

(Continúa)